

NOVAS DÚVIDAS DE EMÍDIO SANTANA

Lisboa, 28 de Janeiro de 1971

Saúde!

Tenho que vir outra vez dizer alguma coisa ao TEMPO E O MODO.

Cerca de meio século de ortodoxia cerrada e de opinião dirigida, desabitou as gentes de ter ideias, de saber confrontá-las e discuti-las opondo argumento a argumento, opinião a opinião. Os credos julgam-se absolutos — ou como hoje também se diz enfaticamente, o «método de investigação ou exposição teórica» — e quem neles não se enquadre ou ajuste, não é preciso discuti-lo; basta zurzi-lo.

E eu supunha que o TM viria exercer esse magistério indispensável: habituar as gentes a ter opiniões, a confrontá-las, e, ao discuti-las, opor ideia a ideia, conceito a conceito, mesmo se quiserem, método de investigação a método de investigação. Mas afinal vejo com tristeza que o método continua a ser o de cacete contra a opinião, anátema contra heresia, para acabar depois de muita dissertação por se pedir a cabeça do réu.

Já uma vez toquei este assunto a propósito da «tarefa» de Amadeu Sabino ao livro de VMG. E porque foi só tarefa, nada mais se aproveitou.

Quando li o livro de AJS *A revolução de Maio e a crise da civilização burguesa* fiquei interessado em analisar o impacto que iria produzir, e o debate que poderia e deveria provocar. Com desapontamento meu ainda não li nada que se colocasse na posição justa de debate, de confrontação e de análise. Só cacetada e até por vezes sem elevação.

É também o caso do artigo de Sotomaior Cardia na *Seara Nova*, em que ele mesmo organizou um esquema de ideias baseado em temas deduzidos para apropriar comodamente o alvo da sua «tarefa». E só tarefa no alvo previamente preparado e escolhido.

Agora leio o artigo de Lima Rego no TM, e com desolação conclui que apenas deu cacetada bravia no AJS, talvez porque desmereceu do seu «método de investigação», porque rejeitou uma cartilha já usada e agora soeitra noutra. E embora transcrevendo exaustivamente períodos do livro vaiado, não analisou um sequer, como o seu «método» ou outro qualquer. Cheguei a crer que Lima Rego como um inquisidor da célebre Inquisição, está bastante convicto da heresia de AJS, e basta-lhe apenas transcrever para que a pústula herética se torne evidente.

Se AJS disse coisas certas ou desvairadas, depois destes dois críticos especialmente, ficou tal como era. Nem um nem outro o analisaram; deram-lhe apenas pontapés.

Do largo arrazoado de Lima Rego não vejo nada que se aproveite; enxergo apenas um vício recente: a posse de uma verdade revelada, de certezas absolutas que dispensam o debate, mas não dispensam o anátema.

AJS agitou alguns problemas, que cada um de nós pode dar-lhe uma resposta diferente talvez, mas o que me impressiona é que essa resposta não exerça talvez porque se considera desnecessária por já estar dito no texto sagrado. Parece também que se pondo em dúvida esta ou aquela certeza, comparando ou admitindo outras comparações existe com certeza o pecado do idealismo.

Não será legítimo supor que «fenómenos característicos do período actual e irreversível do capitalismo, e do capitalismo monopolista como sejam o capitalismo de Estado, e as novas formas de apropriação privada» — eu diria também de apropriação estadual ou de classe dominante — deveriam ser analisados ensaiando também «outros métodos», para se verificar se os consagrados não estarão a «meter água», ou também para deformar a realidade?

É mais que evidente que a classe trabalhadora sofreu nestes últimos anos tais influências e transformações que a apresentam comportando-se de modo diverso, que caracterizam com alguma diferença o seu comportamento.

Entre nós, é sintomático, que o despertar de uma reacção sindical se verifique exactamente a partir de classes ou profissões especializadas, enquanto que essas manifestações mal se notam nas classes não especializadas. Como se explicam estes factos? A explicação de AJS está certa? Porque não está ou porque está?

Atualizemo-nos e não batamos no ceguinho com os chavões de sempre, julgando que basta uma cega-rega para se fazer um carnaval.

Peço a Lima Rego que guarde a palmatória, que não é com certeza científica e use métodos mais analíticos e de confrontação, não se scandalize porque o outro abandonou o seu método, para não nos obrigar a ler, a ler e só ver palavras.

Com a esperança que TM se torne forja de ideias e foco de crítica analítica, apresento os meus cumprimentos.